



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

VALDELICIA MARIA DE OLIVEIRA ROCHA

**PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS:
Concepções dos professores de uma escola pública de ensino
fundamental, Aveiro-PA**

ITAITUBA- PA

2018

VALDELICIA MARIA DE OLIVEIRA ROCHA

**PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS:
Concepções dos professores de uma escola pública de ensino
fundamental, Aveiro-PA**

Monografia de Graduação do curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, apresentada á faculdade de Itaituba para obtenção
do Título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA- PA

2018

ROCHA, Valdelícia Maria de Oliveira.

PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS:
Concepções dos professores de uma Escola Pública de Ensino Fundamental,
Aveiro-PA / Valdelícia Maria de Oliveira Rocha – Itaituba: CLPP da FAI, 2018.

51 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Itaituba- FAI, Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR- PA 2018.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS:
Concepções dos professores de uma escola pública de ensino fundamental,
Aveiro/PA.

VALDELICIA MARIA DE OLIVEIRA ROCHA

**PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS:
Concepções dos professores de uma escola pública de ensino
fundamental, Aveiro-PA**

Monografia de Graduação do curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentada à
faculdade de Itaituba para obtenção do Título de
Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pela
Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Profº Esp. Antoniel Soares Araújo

Resultado: _____ Média: _____

Data: 10 de Fevereiro de 2018.

Em primeiro lugar dedico este trabalho a Deus por está em todos os momentos da trajetória dando-me força, saúde e determinação. A meu esposo e minhas filhas que sonharam comigo esse momento e muito me incentivaram para que hoje conquistasse mais uma vitória que com certeza me trará muito sucesso na área profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que eu pudesse concluir mas essa etapa na minha vida.

A minha família que sempre esteve ao meu lado não deixando desanimar nesta caminhada e pela paciência.

A professora Elina Renilde de Oliveira Ribeiro que me orientou durante a elaboração desse trabalho, que me acolheu como sua orientanda, me guiou, foi paciente e realizou um ótimo trabalho.

Ao professor Francisco Cláudio e ao professor Antoniel, pelas contribuições e aceite em compor a banca de defesa deste trabalho.

As minhas fies companheiras de turma de Pedagogia com as quais tive o prazer de estudar.

A todos os colaboradores dessa pesquisa, professores da Escola municipal de Educação Infantil e Ensino fundamental Professora Maria da Silva Nunes. Obrigada pelo apoio.

A leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais. (SOARES, 2006).

RESUMO

Este estudo teve por objetivo compreender os desafios que se apresentam na prática docente da leitura e escrita dos anos iniciais, assim como conhecer as estratégias pedagógicas na prática do letramento com os alunos de forma a garantir o domínio da leitura e escrita. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma fundamentação bibliográfica e uma pesquisa de campo, com entrevistas aos professores dos anos iniciais da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Professora Maria da Silva Nunes, em Aveiro-PA. Verificou-se com o estudo que os entrevistados possuem conhecimento teórico sobre a importância da alfabetização e letramento para a construção da aprendizagem dos discentes. Nesse estudo pode-se conhecer a prática docente diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos, pois, os entrevistados deixaram claro que trabalham produção textual, leitura coletiva, adotam diferentes metodologias, proporcionam no aluno confiança e segurança para que o mesmo supere as dificuldades. O professor necessita ultrapassar as dificuldades para o sucesso do aprendizado, principalmente demonstrando que gosta de ler e de escrever, pois o educador se torna referência para o aluno quando possui o hábito da leitura e a prática da escrita.

Palavras-chaves: Leitura e Escrita. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the challenges of teaching reading and writing in the early years, as well as to understand pedagogical strategies in literacy practice with students in order to guarantee reading and writing skills. The research was developed through a bibliographical foundation and a field research, with interviews to the teachers of the initial years of the Municipal School of Early Childhood Education and Fundamental Teacher Maria da Silva Nunes, in Aveiro-PA. It was verified with the study that the interviewees have theoretical knowledge about the importance of literacy and literacy for the construction of students' learning. In this study, it is possible to know the teaching practice in view of the difficulties in reading and writing presented by the students, since the interviewees made it clear that they work on textual production, collective reading, adopt different methodologies, provide the student with confidence and security so that it surpasses the difficulties. The teacher needs to overcome difficulties for the success of learning, especially demonstrating that he likes to read and write, because the educator becomes a reference for the student when he has the habit of reading and writing practice.

Keywords: Reading and Writing. Literature. Literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONCEPÇÕES E SIGNIFICADOS DO ATO DE LER ESCRIVER	11
1.1 PROCESSOS DE LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS	11
1.2 LER E ESCRIVER: QUAL A IMPORTÂNCIA?	15
1.3 O VALOR DO LIVRO NA SOCIEDADE ATUAL	22
2 PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA	25
2.1 PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA: QUAIS METODOLOGIAS?	25
2.2 CANTINHO DA LEITURA: DESAFIO PROPOSTO	30
2.3 DESAFIOS DOCENTES NA PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA	33
3 PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL, AVEIRO-PA	39
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	39
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	40
3.4 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
BIBLIOGRAFIA	48
APÊNDICE	50

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo compreender os desafios que se apresentam na prática docente da leitura e escrita dos anos iniciais, assim como conhecer as estratégias pedagógicas na prática do letramento com os alunos de forma a garantir o domínio da leitura e escrita. Pensando nestas discussões e na falta de motivação dos alunos para a prática da leitura e da escrita na escola e fora dela, foi efetuado este estudo visando conhecer a prática metodológica do professor.

Entendemos que, não basta que o indivíduo seja simplesmente alfabetizado, é necessário que o mesmo também seja letrado, para que possa exercer as práticas de outras demandas sociais da leitura e da escrita na sociedade em que está inserido. O número de alunos que conseguem ler e escrever ao final dos anos iniciais é insuficiente, assim como o número dos que chegam ao 6º ano do ensino fundamental sem estar letrado, também é preocupante.

Desse modo, este estudo pautou-se nas seguintes questões que direcionaram a pesquisa, as quais buscaram saber: Quais as estratégias utilizadas na prática docente da leitura e escrita dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental? Que desafios se apresentam aos professores no processo do letramento de turmas iniciais do ensino fundamental? Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

Por ser a leitura e a escrita atividades que devem estar presente em todos os níveis educacionais, sendo embasadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é que se faz necessário questionar em que medida a prática da leitura e da escrita no âmbito escolar contribuem para o desenvolvimento dos alunos. É notório que saber ler é muito importante, pois uma das maiores dificuldades encontradas pelos alunos no desenvolvimento da leitura é a falta de compreensão naquilo que ler. Então é de fundamental importância que o professor exerça a prática da leitura na sala de aula, fazendo com que os alunos despertem a criatividade, a capacidade e a interpretação daquilo que ler.

O estudo foi aplicado a partir de pesquisa bibliográfica dentro de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Alguns dos autores que embasaram esse estudo foram: Soares (1999, 2001, 2004, 2006, 2012), Carvalho e Mendonça (2006), Cagliari (2003), Ferreiro (2001), Frade (2007). Também foi realizada uma pesquisa

de campo na Escola Municipal de Fundamental Professora Maria da Silva Nunes, município de Aveiro-PA, entrevistando quatro professores dos anos iniciais.

Buscando a integração entre teoria e prática, e para uma melhor organização didática este Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em três capítulos: no capítulo primeiro explana-se sobre o contexto, concepções e significados do ato de ler e escrever. O segundo vem falar sobre, processo de leitura e escrita na escola. E no terceiro apresenta-se prática docente realizada por meio de entrevista com professores de uma escola pública de ensino fundamental, Aveiro/PA.

1 CONCEPÇÕES E SIGNIFICADOS DO ATO DE LER E ESCREVER

1.1 PROCESSOS DE LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Nos países desenvolvidos, as práticas sociais de leitura e escrita assumiam um problema relevante no contexto de que a população embora alfabetizada, não denominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais, que envolvem a língua escrita. Pode observar-se que a discussão tem sido intensa nos últimos anos, em relação aos problemas da aprendizagem inicial da escrita, o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema da escrita. Na metade da década de 1980 no Brasil, vários pesquisadores que trabalhavam com as práticas de uso da língua escrita sentiram falta de um conceito que se referisse a esse aspecto sócio-histórico do uso da escrita associadas à palavra alfabetização.

No Brasil, o movimento se deu em despertar para a importância e necessidade de habilidades, para o uso competente da leitura e da escrita tem sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita desenvolvendo-se basicamente a partir do questionamento do conceito de alfabetização. Em meados de 1980 se dá a invenção do termo letramento no Brasil, tornou-se foco de participação e discussão nas áreas da educação e da linguagem, o que se evidencia no grande número de artigos e livros voltados para o tema. Além da alfabetização, este conceito de tema interdisciplinar do âmbito social, cognitivo e linguístico sendo este o letramento, é um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada nas situações sociais.

Letramento é a palavra e conceito recente, introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES, 2004, p. 20).

As práticas sociais refletiam as transformações nas práticas letradas tanto dentro ou fora da escola, então houve a necessidade de reconhecer e nomear

práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas de ler e de escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.

O termo letramento se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países. No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada ao conceito de alfabetização, em que os dois processos devem caminhar juntos. Através do Letramento, passou-se a entender que, nas sociedades contemporâneas era insuficiente o mero aprendizado das primeiras letras, e que integrar-se socialmente, envolve também saber utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos. Essa nova palavra, veio para designar essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita, que se constitui de um “conjunto de conhecimentos atitudes e capacidades necessárias para usar a língua em práticas sociais” (VAL, 2006, p.13).

Nesse sentido entende-se que o letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, cada educador, é responsável pelo letramento em suas diferentes áreas de estudo.

O letramento, é o uso que se faz da língua escrita com toda sua complexidade, em práticas sociais de leitura e escrita, é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, e que usa socialmente a leitura e a escrita, que pratica e responde adequadamente às demandas sociais. (SOARES, 2001, p. 39, 40).

Então, pode ser considerado letrado mesmo quem não seja alfabetizado, na medida em que ao participar de contextos de letramento utiliza estratégias orais dos conhecimentos construídos sobre a língua que se escreve, mesmo sem saber ler e escrever conhece a estrutura da língua escrita.

Para que uma criança entre no mundo da escrita, é necessário passar por dois processos interdependentes e indissociáveis, a aquisição do sistema convencional de escrita, sendo esse a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, sendo essa, o letramento. Um exemplo do que se acaba de ser mencionado está na afirmação de Soares (2012, p. 57): “aprender ou não a ler, não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos”.

Em uma sociedade letrada, as práticas sociais influenciam todos os indivíduos de uma sociedade de maneira pessoal, particular. Entretanto, o letramento focaliza aspectos sóciohistóricos e aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, tentando por objetivo investigar não somente quem é alfabetizada, mas também quem não é fazendo parte, portanto do social (TFOUNI, 2001, p. 78).

Partindo desses pressupostos teórico-conceituais, pode-se perceber que várias tentativas de implantação de programas de alfabetização tem sido o alvo para serem realizadas várias discussões com relação entre o letramento e a alfabetização como prática de inclusão social. Conforme Soares (2012, p.12):

O letramento passou a ser mais bem entendido e esclarecido a partir da década de 1980, a partir de estudos sobre a língua escrita, trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização está longe de ser apenas uma apropriação de códigos, ao contrário envolve um processo de elaboração de hipóteses e representação linguística. Outra dificuldade que o aluno tem enfrentado é a falta do acompanhamento da família no cotidiano escolar.

Nesse sentido percebe-se que o letramento vai além de vários métodos para se alfabetizar, pois não se detém em técnicas de alfabetização. Por isso alfabetizar letrando é o mais viável, em âmbito escolar formando seres letrados em diversos ambientes e etapas da vida.

Letramento tem sido palavra que designa oras práticas sociais de leitura e escrita, ora os eventos relacionados com o uso da escrita, ora os efeitos da escrita sobre uma sociedade ou sobre grupos sociais ora estado ou condição em que vivem indivíduos ou grupos sociais capazes de exercer as práticas de leitura e escrita. (IBIDEM: 16).

Partindo desse pressuposto, uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, ou seja saber ler e escrever, mas não exercer práticas de leitura e de escrita, não ler livros, revistas, jornais ou mesmo não ser capaz de interpretar um texto e ter dificuldades para escrever. O conceito de letramento também traz em si noção de funcionalidade como atributo essencial das habilidades de leitura e de escrita.

Assim, define-se uma pessoa funcionalmente letrada considerando-se não apenas um componente aquisitivo, isto é, individual, mas, sobretudo um componente participativo, com objetivo a uma continuidade produtiva de uso social de leitura e escrita. Soares (2006, p. 21) aborda também que alfabetizar letrando é um constante

desafio e requer um novo pensar do processo de ensino e aprendizagem das crianças, sendo capaz de transformar a prática pedagógica.

É necessária uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento desses aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, tendo em vista proporcionar ao aluno a formas de utilização da escrita para diferentes finalidades. A partir das situações de letramento presentes em seu cotidiano, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, é possível o aluno compreender que a estrutura e a organização dos textos estão relacionadas a diferentes funções que exercem nas práticas cotidianas da realidade, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais.

Além de aperfeiçoar as habilidades já adquiridas de produção de diferentes gêneros de textos orais, levar à aquisição e ao desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros e veiculados por meio de diferentes portadores (SOARES, 1999, p. 06).

Dessa forma, aprender a ler e escrever envolve a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e o desenvolvimento das habilidades textuais, ou seja, a produção de textos observando os elementos discursivos, conforme a tipologia textual, de modo a perceber que cada gênero tem uma forma diferente quanto à estrutura e organização. A produção de textos deve ser trabalhada com finalidades de um trabalho pedagógico organizado a partir da reflexão em torno desses termos, enquanto processos distintos, específicos, porém indissociáveis, que envolvem procedimentos diferenciados de ensino, considerando a necessidade e a importância de desenvolver a alfabetização num contexto de letramento.

Cabe ao educador desenvolver neste conceito práticas significativas de desenvolvimento para o aluno acerca do funcionamento e utilização desse ensino, seu papel é intervir de forma a tornar mais efetiva esta reflexão, através de uma profunda imersão das crianças nas práticas sociais de leitura e escrita, Somente a partir da descoberta do princípio alfabético e das convenções ortográficas formamos um leitor e escritor autônomo.

Com o advento da sociedade do conhecimento, as constantes mudanças no campo educacional exigem dos educadores a busca contínua de inovações visando

à melhoria de suas práticas pedagógicas. Este processo implica reelaborações de conhecimentos, concebendo o professor como um ser que interage com o saber sendo a escola um espaço permanente de produção de conhecimento.

É preciso, portanto, reconhecer o letramento enquanto um novo conceito de compreensão acerca da função social da escrita. Pensando no jogo como mediador do processo de alfabetização e letramento, recorreremos a Soares (2006, p. 21) para compreender estes dois aspectos. A autora afirma que o termo letramento surgiu frente à mudança na forma de se avaliar o acesso à leitura e escrita, passando-se a considerar alfabetizado não o sujeito que apresenta apenas a habilidade para codificar o próprio nome, mas sim aquele capaz de usar a leitura e escrita para uma prática social.

Um fato que sinaliza bem essa mudança, embora de maneira tímida, é a alteração do critério utilizado pelo Censo para verificar o número de analfabetos e de alfabetizados: durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome; nas últimas décadas, é a resposta à pergunta sabe ler e escrever um bilhete simples? Que define se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado. Ou seja: da verificação de apenas a habilidade decodificar o próprio nome passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social (ler ou escrever um “bilhete simples”) (SOARES, 2004, p. 21).

A autora destaca que um indivíduo não saber ler e escrever, mas pode ser letrado, por envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita, sendo capaz de perceber seu uso e função. A autora aponta para o pressuposto de que a pessoa letrada torna-se a hipótese de que tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente, a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada.

1.2 LER E ESCREVER: QUAL A IMPORTÂNCIA?

A leitura e a escrita sem dúvida são artifícios imprescindíveis para a inclusão social do indivíduo, e consequentemente para a concepção da cidadania, são recursos que oportunizam o aluno a obter um conjunto de informações e novos conhecimentos que são essenciais para interagir o ser humano na sociedade. Dessa maneira, percebe-se que a leitura e a escrita estão inseridas no dia a dia de cada pessoa, permitindo aos mesmos a competência de aperfeiçoar seu intelecto, pois é

através das mesmas que o leitor terá a capacidade de ingressar no mundo que o cerca onde estará apto a desenvolver suas capacidades pessoais e profissionais.

Perrenoud (2000, p. 31) diz que ler e escrever se assemelha a ouvir e falar, o que nos leva a analisar a natureza daquelas atividades sob a luz do que já se descreveu sobre estas. Portanto, ler e escrever são atividades de comunicação, embora as condições de interação sejam diferentes em uns ou outros casos. Apesar então de apresentadas como dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que a leitura e a escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento.

Pode-se dizer que a relação que se estabelece entre a leitura e a escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica, alguém que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem. A leitura e a escrita como prática social é sempre um meio para múltiplas finalidades, e nunca um fim, pois ler é resposta ao objetivo a uma necessidade pessoal que deve ser incentivada e proporcionada pela escola. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita, o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos, como escrever.

Desse modo, um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever corretamente, pois a aquisição da leitura e a escrita são imprescindíveis para agir com autonomia nas sociedades letradas, e provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar estas aprendizagens. (PERRENOUD, 2000, p. 32).

A relação da criança consigo mesma, e com o mundo, deve estar centrada nos valores presentes na sociedade, nas informações que a mesma oferece. Segundo o educador Paulo Freire, a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo, e aprender a ler e escrever. Alfabetizar-se é antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto. “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (CAGLIARI, 2003, p. 23).

Sendo assim, ensinar as crianças a ler no seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores. A habilidade da criança como falante é decisiva para ser um bom leitor. E as crianças precisam de tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado. O ato de ler proporciona a um

experimento particular do leitor, onde o mesmo é capaz de conhecer um pouco mais sobre o mundo que o cerca. Pois através da leitura também se pode conhecer mais sobre a nossa sociedade e os acontecimentos do cotidiano.

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política. (NUNES, 1994, p.14).

Nesse sentido, é importante afirmar, que a leitura não estar ligada somente ao ser individual, mas também ao ser social. A leitura individual proporciona ao leitor momentos que só ele pode imaginar ou vivenciar através do seu envolvimento com a mesma, momentos esses que o leva a um outro mundo, possibilitando viajar em um mundo desconhecido possibilitando momentos de pleno prazer ao indivíduo.

Entende-se que a leitura é um processo que se evidencia através do intercâmbio entre as diferentes condições de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento de mundo e o conhecimento textual. Por isso, é muito importante que se adquira o hábito da leitura. Entretanto, a pessoa que não tem o hábito de ler não tem uma cultura de conhecimentos, a qual nos proporciona essa ferramenta para sermos verdadeiros cidadãos críticos, conhecedores dos nossos direitos e deveres.

Quando se fala em leitura, é notório que para alguns indivíduos, o ato de ler significa simplesmente decifrar as letras, é o que se nota em alguns alunos, onde eles encontram muitas dificuldades ao lerem algum tipo de texto. No entanto, ler estar muito além desses fatos.

Portanto, a leitura transcende os mecanismos de juntar signos linguísticos para formar sons. É de suma importância valer-se todo o adjacente de saberes que permitirão que o leitor compreenda aquilo que lê. Pois, a leitura possibilita ao leitor o conhecimento de mundo, levando a questionar sobre ele a refletir sobre seus atos e também buscar respostas sobre algo em sua vida.

A leitura também, não provém somente do ato de arquivar e sim de um conhecimento que futuramente servirá de subsídios para o seu desenvolvimento cognitivo, a qual proporciona compreender não apenas seu aspecto, mas sua função social.

Sabe-se que a leitura proporciona benefícios importantíssimos ao indivíduo e à sociedade, conforme afirma Soares (2003, p. 39) “o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom”. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto, a qual traz benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade, a mesma pode proporcionar formas de lazer e deleite, de obtenção de conhecimento cultural, de acrescentamento das condições de convívio social e de interação. A leitura ainda é uma ferramenta que poderá transportar o leitor a decidir um problema simples e responder a um objetivo sensível ou a uma necessidade pessoal.

Sobretudo, a leitura enquanto prática social implica em refletir nas múltiplas relações que o indivíduo desempenha na interação com o universo sociocultural a sua volta; é refletir em um leitor suscetível a utilizar a leitura como fonte de informação e disseminação da cultura. Portanto, o leitor ao fazer o uso da leitura socialmente, não significa que ele necessite ser somente alfabetizado, mas que ele seja letrado ou seja, ser capaz de interpretar o que se lê. E não que ele tenha apenas adquirido a habilidade para saber decodificar a linguagem escrita.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, na qual o leitor tenta satisfazer os objetivos que guiam sua leitura, isso quando envolve a presença de um leitor ativo. Pois, presentemente, a leitura se compõe como uma grande dificuldade social, onde os alunos não sentem prazer em ler na sala de aula, tendo a mesma como um algo obrigatório para a avaliação que é utilizada por certos professores.

A leitura é um objeto de conhecimento, e que a mesma favorece a ampliação do vocabulário, melhora a escrita, principalmente nos aspectos da ortografia, favorece um melhor conteúdo, à aquisição de informações e melhora a capacidade de compreensão. Segundo Banberger (1988, p. 32), para adquirir o hábito da leitura, é preciso ir além das necessidades e, também motivar as crianças a ajustar os conteúdos de suas leituras à medida que suas precisões intelectivas e condições ambientais forem mudando. Desse modo, nota-se que não adianta ler por ler, tem que está realmente buscando essa necessidade, para conseguir atingir seu objetivo.

A leitura pode ampliar a visão para além da competência leitora, a mesma auxilia a manter a concentração dos educandos. Portanto, a leitura deverá ser promovida pela escola e, conseqüentemente, pelo aluno. Desse modo, a leitura também é considerada uma importante fonte de informação, aprimoramento da cultura, ajudando na formação do desejo e hábito de ler.

A maioria das informações cotidianas vem através de textos, como jornais, internet, revistas e outros veículos de comunicação. Assim sendo, o procedimento de assimilação do conhecimento e da edificação de novas informações se configura como uma técnica ativa que está profundamente unido à leitura. Por isso, a maneira de usar a leitura como prática social é algo contextualizado que ocorre em diferentes ambientes e não corresponde a nenhuma norma particular e nem a um modelo sociolinguístico pré-definido.

A leitura é um exercício constante, ou seja, é sempre um meio, nunca um fim, proporciona ao ato reflexivo e a capacidade inerente de ouvir e entender o que diz a realidade. É também entendida como um processo de compreensão de uma mensagem codificada em sinais visuais, em geral letras e símbolos. A leitura é considerada muito importante e é um eficiente instrumento capaz de estimular o desenvolvimento e fixação dos conhecimentos culturais, sejam eles técnicos ou científicos. A leitura proporciona a concentração, levanta hipóteses e faz refletir.

De acordo com Freire (2003, p. 31), a leitura exerce papel fundamental para o desenvolvimento geral do indivíduo, capaz de qualificar o leitor para assumir um posicionamento correto e consciente diante do mundo em que vive. Portanto, ler, é toda e qualquer prática que se tenha com o processo de leitura, onde o leitor poderá decifrar compreender e entender o que o texto expressa. Através da leitura é que se pode adquirir o hábito da leitura, ter a capacidade de compreender o que se lê e argumentar sobre qualquer assunto.

A leitura é, portanto, a porta para o leitor expandir seus horizontes, transformar as informações que já tem e adquirir outras opiniões para sua vida social e cultural. Essa perspectiva necessita ser bem especificada e abrangida pelos educadores, que já possuem em sua personalidade de leitor ativo e almejam ampliar em seus educandos a prática da leitura.

Filosoficamente falando, o homem possui uma consciência voltada para a busca incessante da verdade, para a descoberta do mundo e para a transformação dos elementos do real. E nós, professores, sabemos que essa afirmação é irrefutável, pois vivemos diariamente com a curiosidade e a atividade das crianças. Diante de um texto instigante, que fale às suas experiências e seus problemas reais, a criança se embala e se embola de maneira natural, sem a necessidade de tecnicismos pretensamente motivadores. (SILVA, 2000, p. 23).

Então, percebe-se que o professor é uma das peças principais para o incentivo à leitura e a escrita, é ele que servirá de espelho para seus alunos. Se o professor não tem o hábito de ler, como ele irá incentivar seus alunos? Assim, para que os alunos consigam se destacar socialmente, é essencial que a escola busque desde a alfabetização inseri-los neste contexto letrado por meios de práticas de leituras mais coerentes com a sua realidade, como cita Ferreiro (2001, p. 25) “as crianças são facilmente alfabetizadas desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido”.

Por meio disso, pode-se compreender que ser leitor é fundamental para o desenvolvimento social do educando, à medida que esta é a condição que proporciona a mudança de um sujeito passivo para um cidadão consciente e atuante em meio a seu grupo social, contribuindo para que ele cresça profissionalmente, como também intelectualmente.

Sobre essa questão, Saviani (1999, p. 29) afirma que uma das condições para o exercício pleno da cidadania é o acesso ao saber sistematizado e organizado pela humanidade, entre eles, a aquisição da competência leitora e escritora. Sendo que no mundo competitivo e tecnologicamente desenvolvido em que vivemos, é indispensável à formação de um sujeito letrado, dotado de conhecimento, principalmente o da leitura, por ser acerca do domínio desta prática que o sujeito adquire a condição de exercer sua cidadania.

O ato de ler é um processo de compreensão, de entender o mundo a partir da interação do homem com o meio social em que está inserido. Isso se dá sempre por meio das palavras, que sempre estarão relacionadas com o momento, o lugar e as circunstâncias. Além de interpretar o que é escrito ou falado dentro de um contexto, levando o indivíduo a compreender as particularidades da realidade que o cerca. De acordo com Freire (2003, p. 11), o leitor ao entender o texto sempre faz uma relação do que está lendo com a leitura de mundo. Diante disso, percebe-se que um leitor crítico não é aquele que apenas decodifica sinais.

A prática da leitura está presente na vida do ser humano, devido à necessidade de decifrar e interpretar o sentido das coisas que o cerca, de perceber o mundo sobre diversas perspectivas, de fazer uma relação entre a ficção e a realidade. Enfim, em todo momento o ser humano está de certa forma interagindo com a leitura, embora muitas vezes, não dá conta disso. Desse modo, a leitura se

configura com um poderoso e essencial instrumento literário para a sobrevivência do homem. Por isso a necessidade das escolas formarem bons leitores.

É importante destacar que o hábito da leitura é fundamental para a prática de produção de texto, pois o fracasso na produção de texto deve-se justamente à falta de leitura por parte dos alunos. Sendo assim, os educadores têm por missão incentivar o aluno a leitura e a escrita em todos os seus aspectos e criar condições para que tais atividades se desenvolvam de modo eficiente e produtivo.

A leitura abrange, além do conhecimento implícito da língua, várias outras modalidades de conhecimentos que, inter-relacionados, constituem a nossa teoria de mundo e estão estocados em nossa memória em longo prazo. Por isso podemos afirmar que a leitura é o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto. (KLEIMAM, 2004, p.14).

Conforme a citação fica claro que a prática da leitura e da escrita são requisitos linguísticos fundamentais para o contínuo processo de construção de uma sociedade. Ambas possuem particularidades e ao mesmo tempo se completam. Por isso a necessidade dos educadores inserirem em seu planejamento a leitura e a escrita, fazendo com que desde cedo a criança desenvolva suas habilidades e comece a perceber as diferenças básicas entre ambas desde o contato inicial com a escrita.

Cabe ao educador criar estratégias que estimule o aluno a ler e produzir além de fazer com que o mesmo identifique as características dessas habilidades. Visto que leitura e produção possuem suas particularidades, e ambas são de grande importância para a aprendizagem dos alunos. O professor deve levar em conta que na exploração de gêneros textuais é importante apresentar, no início suportes com textos onde o alinhamento tem como referência a direção convencional.

À medida que os alunos vão identificando e reconhecendo letras, através do desenvolvimento das atividades com nomes, textos e outros, eles podem ser orientados e ajudados a ordenar as letras. Isso facilita a assimilação de informações necessária à organização da escrita e do código escrito, nome e formas das letras, sons que representam, algumas normas de utilização como uso de maiúscula e minúsculas, espaçamento entre as palavras, dentre outras.

1.3 O VALOR DO LIVRO NA SOCIEDADE ATUAL

Os livros são muito importantes para este mundo uma vez que desenvolvem a mentalidade e a cultura da sociedade, mas se sabe que cada dia está se perdendo o hábito de ler, devido ao grande estresse do cotidiano e o avanço de novas tecnologias, as pessoas estão deixando o livro de lado e passando mais tempo em frente de televisão, de computadores e nos celulares.

A sociedade no atual cenário, encontra-se extremamente alienada pelas tecnologias de massa, como programas televisivos, redes sociais e outros instrumentos de entretenimento que pouco ou nada contribuem na construção educacional de um país. Nesse viés, os livros, estão tornando-se cada vez mais escassos nas prateleiras de muitas casas, visto que, tecnologias como essas, mencionadas anteriormente não incentivam a leitura, além de bombardearem milhões de pessoas com conteúdo vulgares e violentos.

Toda pessoa devia ler, porque ler faz muito bem, melhorando a atenção de desenvolvendo a criticidade e faz com que se escreva e pense melhor. No entanto, não podemos generalizar e dizer que toda tecnologia traz malefícios para os indivíduos. A grande empresa “Google”, site de pesquisa, provou que é possível inserir a cultura da leitura em “*tablets*” e “*smartphones*”, através de uma página de internet chamada de “Google livro”, que disponibiliza uma grande quantidade de leituras digitais. Mostrando dessa maneira, que a tecnologia também traz benefícios para as pessoas.

Assim, o hábito de ler um livro tem sido substituído muitas vezes por grandes novidades do mundo consumidor. Contudo, caso haja intervenções políticas nas escolas e locais públicos com palestras educacionais sobre como não tornar-se refém das criações de entretenimento fúteis e que se incentivem e criem-se novas formas de leitura com a ajuda da tecnologia. Somente assim, teremos os benefícios do livro, vivo em nossa sociedade.

O surgimento de novas tecnologias nos propõe em cada tempo novos desafios. Cada vez que tem aparecido em nossa história um novo imediatamente se anuncia o desaparecimento de seu antecessor. Com o surgimento do livro eletrônico não poderia ser diferente. Diversos autores, ao longo dos tempos tem vaticinado o desaparecimento da cultura impresso.

O livro, com seu suporte de papel, ainda é um objeto de grande funcionalidade. Se a substituição de determinado artefato cultural por outro geralmente ocorre quando este outro pode perfazer todas as funções do anterior, com vantagem, então podemos dizer que isto não ocorreu, pois o livro, entre outras coisas, não tem necessidade de eletricidade ou de *upgrading*, e o leitor pode acessá-lo sem o mediador de uma máquina. Isto não significa, contudo, que a posição do livro (e de sua leitura) permaneça a mesma neste novo contexto cibernético (JOBIM, 2003, p. 232).

A defesa de um ou outro suporte para o livro depende, como o próprio Jobim comenta, dos interesses que estão por traz dessas declarações. Convém dizer também que a passagem de um formato para outro nunca supôs uma ruptura total, sendo que cada etapa tomou elementos importantes da anterior.

Para incentivo e desenvolvimento da leitura e escrita, temos o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) executado pelo Governo Federal e gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Tem por objetivo “prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado com obras didáticas de qualidade”.

Por meio deste Programa, que existe desde 1929 – embora tenha apresentado outras denominações e formatos anteriormente – e teve algumas modificações ao longo de seu funcionamento, o governo distribui livros de todas as disciplinas constantes do currículo aos estudantes de ensino fundamental das escolas da rede pública, configurando-o como um dos maiores projetos de distribuição gratuita de livros escolares em todo o mundo.

O desenvolvimento do Programa esteve desde então condicionado, dentre outros fatores, pelo modo por meio do qual respondeu a dois problemas centrais, a questão da qualidade dos livros que eram adquiridos e a das condições políticas e operacionais do conjunto de processos envolvidos na escolha, aquisição e distribuição desses livros.

O PNLD não se restringe apenas à distribuição de obras aos estudantes de ensino fundamental da rede pública, sendo responsável também pela seleção de livros adequados e que atendam às exigências metodológicas de ensino e aprendizagem que cada disciplina impõe, constituindo-se em um processo oficial de avaliação do livro didático que teve início em 1996. A iniciativa adveio da necessidade de avaliar sistemática e continuamente o livro didático brasileiro e de versar sobre suas características, funções e qualidade por meio de discussão entre os envolvidos na produção e consumo do mesmo.

O processo seletivo, desde então, é fruto de uma avaliação criteriosa, pedagógica e metodológica, organizada pela Secretaria de Educação Básica e realizada por equipes de especialistas que detenham os conhecimentos necessários para tal julgamento em cada área de conhecimento. A partir de 1996, portanto, teve início essa avaliação oficial pedagógica e metodológica, que se tornou etapa obrigatória do PNLD, na qual comissões de avaliação se debruçam sobre os títulos submetidos pelas editoras e os analisam e julgam de acordo com os critérios preestabelecidos em edital.

Posteriormente a esse julgamento por parte da equipe de especialistas, cujos critérios são baseados em princípios éticos e educacionais, pelo Guia de Livros Didáticos, publicação oficial do Programa enviada às escolas, que assinala e sugere os principais pontos a serem considerados na adoção de um livro, e na qual são dispostas as obras avaliadas e aprovadas, apontando-se as características, as abordagens e os pontos fortes e fracos de cada uma delas.

Portanto, tal decisão não deve ser arbitrária, necessitando ser baseada nos itens propostos no Guia e se restringir às coleções didáticas que ali estão listadas e comentadas. Ao término do processo, as coleções eleitas para adoção são então compradas pelo governo e enviadas aos alunos matriculados na rede pública de ensino de todo o país.

As diretrizes norteadoras das relações do Estado com o livro didático se mantiveram, apoiando-se nas seguintes bases: centralização das ações de planejamento, compra e distribuição; utilização exclusiva de recursos federais; atuação somente na compra de livros, excluindo-se a participação na produção editorial (cujas responsabilidades são da iniciativa privada); escolha do livro pelo corpo docente; distribuição gratuita dos livros aos alunos e professores da rede pública de ensino.

2 PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

2.1 PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA: QUAIS METODOLOGIAS?

A oportunidade de ler e escrever representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura, portanto, cabe ao professor desenvolver metodologias necessárias para o desenvolvimento da leitura e escrita dentro da sala de aula. De acordo com Silva (2000, p. 31), estes podem ser exemplos de atividades produtivas e de despertar para o gosto e hábito da leitura e escrita tendo como exemplos: produção de texto; leituras coletivas ou em pequenos grupos, silenciosa ou em voz alta pelo aluno ou professor; apresentar às crianças uma variedade de histórias, ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo; criar um Cantinho da Leitura, em sala de aula com prateleiras à altura das crianças. É necessário deixar que os alunos fiquem à vontade para ler, além de ir renovando o acervo de materiais com livros e revistas de interesse das crianças para proporcionar o acesso a livros suplementares para a leitura de lazer, discussões em grupo.

Em sala de aula, usar livros de capa mole, livros de capa dura, artigos de jornal, revistas, quaisquer materiais extras que não reduzam a leitura das crianças somente à do livro didático. Para dar mais vida às leituras pode-se dramatizar trechos dialogados de uma história. Como facilitação e incremento da compreensão de um texto, o professor poderá planejar as seguintes atividades: de enriquecimento: preceder a leitura do texto com filmes, slides, mostras, excursões, estudo do meio; de orientação: preceder a leitura em voz alta por uma leitura silenciosa em grupo, seguida de algumas questões sobre o conteúdo do texto; de suplementação: fornecer textos complementares para incentivar a independência e a fluência dos leitores.

A leitura espontânea, pessoal e selecionada pela criança é de fundamental importância para a formação do hábito. Deve necessariamente existir abertura e oportunidade para que a criança leia livros de seu interesse. A escolha pessoal de livros deve ser incentivada, ainda que o professor possa orientar recomendar e até, mesmo sugerir textos, quando solicitado. Atividades de leitura independente podem ser introduzidas juntamente com projetos de pesquisa. Questões bem formuladas

podem desafiar a curiosidade da criança e aumentar o seu desejo de ler e descobrir por que, como, quem, onde. Desse modo, faz-se necessário que haja um estímulo contínuo para o contato entre o indivíduo e o livro.

O professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar. (SOUZA, 2011, p. 223).

Entende-se, portanto que a leitura, enquanto um processo que atende a diferentes propósitos necessita ser claramente mostrado às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta. Muitos dos hábitos das crianças são em decorrência da imitação dos hábitos dos adultos. Por isso mesmo, pode se ler e discutir um livro, jornais, revistas, mostrando, concretamente, que o professor convive com materiais escritos.

O professor tem um grande papel na formação de leitores, a importância do hábito de leitura precisa a todo tempo ser evidenciada pelo educador em sala de aula, fazendo assim, com que seu aluno desperte para o quão necessário se torna a leitura em seu dia a dia.

A escola precisa abrir suas portas para a entrada da diversidade textual, democratizando o acesso aos mais diferentes gêneros pelos alunos e explorando-os por meio de práticas discursivas e de reflexão sobre a língua. As sugestões de trabalho com diferentes textos, pertencentes a diferentes culturas e esferas sociais, são muitas. Mas, para que esses textos se tornem objeto de estudo nas aulas, torna-se necessário que os professores estejam atentos a eles, sejam, sobretudo sujeitos leitores, produtores de cultura escrita e convidem seus alunos também a serem.

Muitos alunos estão inseridos numa cultura em que as práticas letradas não pertencem à cultura da escrita jornalística, científica, escolar ou artística, mas pertencem às culturas da escrita cotidiana, política ou religiosa, por exemplo. Essas práticas com as quais têm contato poderão ser trabalhadas na escola, como forma de ampliação das habilidades de leitura, escrita e oralidade dos alunos, numa perspectiva metodológica.

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Em instituições como a escola, em que predomina a

concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2007, p. 04).

Uma vez que a escola precisa ensinar a ler e escrever, os projetos de letramento são justamente as situações criadas nas escolas, vinculadas ao seu meio sociocultural e econômico, que vão permitir a ampliação de um conjunto de textos que vão desde os gêneros próprios do cotidiano do aluno aos mais solicitados para viver com uma participação cidadã. Dessa forma, é relevante para a seleção curricular considerar a função que tais textos têm na vida do aluno, da comunidade em que a escola está situada.

As discussões sobre métodos de alfabetização são concomitantes ao processo de sistematização da escolarização das práticas de leitura e escrita, ou seja, fazem parte do contexto educacional desde a institucionalização da escola como uma escola popular ou escola de massa. Assim, de acordo com Frade (2007, p. 30), a história permite-se situar a discussão dos métodos, no período em que são formados os sistemas escolares, momento em que a escola percebe a necessidade de criar estratégias para ensinar a todos ao mesmo tempo e num mesmo espaço.

Durante décadas, entre os pesquisadores e os professores da área de alfabetização discutiram-se quais seriam os métodos mais eficientes, se os do grupo dos sintéticos ou os do grupo dos analíticos. De forma sintética, se apresenta as principais características dos métodos de alfabetização.

O grupo dos métodos sintéticos, considerado como o mais antigo, caracteriza-se por priorizar como ponto inicial, na aprendizagem, as subunidades da língua, relacionando essas às correspondências fonográficas, partem de unidades menores e mais elementares como as letras, os fonemas ou sílabas para, em seguida, passar às unidades maiores ou inteiras como palavras, frases ou texto, seguindo sempre do mais simples para o mais complexo de forma linear, de modo que só se aprende um elemento novo depois de se aprender outro (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 18). Em outras palavras, primeiro se aprende o processo de codificação e decodificação para, em uma fase mais avançada, passar à compreensão da leitura e da escrita. Esse grupo compreende o método alfabético ou de soletração, o fônico e o silábico.

O método alfabético ou de soletração caracteriza-se pela aplicação através de uma sequência fixa baseada nos estímulos auditivos e visuais, sendo a memorização o único recurso didático utilizado, pois de acordo com Carvalho (2010, p.22), “o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são aprendidas de cor e com elas se formam palavras isoladas”. Esse método tem como objetivo a combinação entre letras e sons.

No método fônico, a atenção está direcionada à dimensão sonora da língua, assim inicia-se o processo ensinando a forma e o som das vogais, depois das consoantes, em seguida, cada letra é aprendida como um fonema que, unindo a outro, formam-se as sílabas e depois as palavras. Para isso, deve seguir uma sequência gradativa, começando dos sons mais fáceis para os mais complexos, já que o objetivo principal é a ênfase na relação letra e som, isto é, na leitura ensina-se a decodificar os sons da língua e, na escrita, ensina-se a codificá-los.

O método silábico ou de silabação também se caracteriza por sua ênfase excessiva aos mecanismos de codificação e decodificação apelando para a memorização como recurso didático que, por sua vez, desconsidera a capacidade de compreensão do aluno. Nesse método, a principal unidade de análise é a sílaba que, conforme explica Frade (2007, p. 24), seu desenvolvimento segue uma sequência com base em uma ordem de apresentação das sílabas mais fáceis para as mais difíceis, destacadas de palavras-chave e estudadas sistematicamente em famílias silábicas que, ao juntá-las, formam novas palavras.

O grupo dos métodos analíticos tem como ponto de partida unidades linguísticas maiores como palavras, frases ou pequenos textos para depois conduzir a análise das partes menores que as constituem, como as letras e as sílabas, supondo que, no reconhecimento global como estratégia inicial, “os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método, vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba”. (FRADE, 2007, p. 26).

Nesse grupo estão os métodos, global de palavração, de sentencição e contos. O método da palavração, que parte da palavra, a criança é colocada diante de uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes, para construir sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas e letras até a criança se tornar

capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras e sons. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 30).

No método de sentencição a unidade de análise é a sentença, o qual, depois do processo de memorização para o reconhecimento global, passa à decomposição em palavras, depois em sílabas, tornando a criança capaz de reconhecer essas partes em outras sentenças.

No método global de contos, o processo é aplicado através da análise das partes maiores (textos, frases) para chegar a partes menores (palavras, sílabas) de forma sequencial. Segundo Carvalho (2010) e Frade (2007), a história completa é apresentada repetidas vezes para o reconhecimento global, depois, desmembra-se o texto em frases, para que a criança aprenda a reconhecer globalmente e a repita em uma espécie de pré-leitura. Na sequência, vem o reconhecimento de sentenças, que são dispostas repetidamente, para facilitar a memorização, e só, então, chegar ao reconhecimento das palavras com suas divisões silábicas, para, finalmente, formar novas palavras com as sílabas estudadas até o momento.

Portanto, os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos propõem um ensino que desconsidera as capacidades cognitivas dos alunos, por essa razão, a partir de meados dos anos de 1950, pesquisadores e teóricos começam a desviar a atenção para a psicologia cognitiva, passando a estudar a alfabetização à luz dos processos de aquisição do conhecimento. Assim, no estudo da alfabetização, sob o olhar dos psicolinguistas, o foco recai no sujeito e na sua atividade mental e não mais no objeto escrita.

O enfoque, segundo Soares (2012, p. 19), está voltado para maturidade linguística da criança como aprendiz da leitura e da escrita, para “as relações entre linguagem e memória, a interação entre a informação visual e a não visual no processo de leitura”, já que a aquisição da linguagem é vista como processo ativo de criação que envolve uma interação entre pensamento e linguagem.

A partir dos anos de 1960, entre os linguistas e psicólogos, surge o interesse pelos aspectos sociais que constituem a linguagem. A aquisição das funções da linguagem precede a aquisição das formas de linguagem, ou seja, quando a criança usa a linguagem, ela a usa com uma determinada função, antes mesmo que a use de forma consciente. Tais variações alteram o processo de alfabetização que propõe o ensino da língua materna mais voltado para a realidade sociocultural das crianças, tendo em vista que a língua escrita não é um meio de comunicação neutro ou

descontextualizado, mas carregada de atitudes, valores culturais dos contextos social, cultural e econômico nos quais a língua é usada.

É importante deixar claro que na proposta de ensino, baseada nos métodos tradicionais de alfabetização, o aluno era visto como um ser passivo no processo de aprendizagem da língua escrita, pois a ele não era dada a oportunidade de participar desse processo de forma ativa como um sujeito aprendente. Além disso, não havia a preocupação em atribuir significado às atividades, muito menos a de formar leitores, visto que as letras, palavras, frases ou pequenos textos trabalhados eram descontextualizados da realidade do aluno, já que não priorizam a inserção dos alunos em situações em que a língua escrita fosse tratada de forma dinâmica e contextualizada, levando em consideração as diferentes funções da escrita nos contextos sociais.

O processo de alfabetização de crianças visto com base no seu conceito restrito, compreendido como o ensino-aprendizagem do código alfabético que habilita a criança a estabelecer as relações entre as letras e os sons, quer dizer, a ler e a escrever, não dá conta de atender às necessidades da escola e às demandas sócio-comunicativas da sociedade da comunicação e da informação caracterizadas como uma sociedade letrada em que a criança está inserida.

2.2. CANTINHO DA LEITURA: DESAFIO PROPOSTO

O Cantinho de Leitura é um espaço dentro da sala de aula ou fora, utilizado para também despertar nos alunos o gosto pela leitura. Nele, os alunos terão pronto acesso às leituras diversas do conhecimento humano. Com este privilégio, além dos livros já disponíveis nas Bibliotecas Escolares, os alunos poderão aproveitar, a qualquer momento em que surgir a oportunidade, um bom momento de leitura. Reconhecer a importância do cantinho da leitura na formação de leitores é incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância.

Neste sentido, a literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro e finalmente esboçar algumas estratégias para desenvolver o hábito de ler. Mas, não somente a leitura deve ser observada, a escrita também.

Embora a audição de histórias e a leitura de imagens sejam importantes fatores na formação da criança leitora, é fundamental que ela tenha contato com leitura de textos escritos, por meio da qual ela fará sua iniciação no mundo da cultura escrita, diferente em muitos aspectos (rímico, lexical, sintático) da cultura oral. (MARTINS; HELENA, 1994, p. 36).

O incentivo dos Cantinhos de Leitura que existem nas escolas perpassam os ensinamentos vindos de casa, as crianças, muitas vezes não tem em suas casas a oportunidade de ter contato com um bom livro como na escola. É neste sentido que as escolas têm que incentivar as crianças a gostarem da leitura, pois é nesta idade que seus conceitos e princípios se formam. Conforme SILVA (2000:57), “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos poderá ser uma excelente conquista para toda a vida”. Uma boa leitura é muito importante para a criança, mas não pode ser todo tipo de livro, os livros têm que ser de fácil compreensão, uma vez que são crianças e seu pensamento passa a se formar a partir do que ela ouve e ver no seu cotidiano, ler para uma criança é maravilhoso, mas tem que ter certas restrições.

O contato com o universo dos livros estimula na criança a descoberta e o aprimoramento da linguagem. Entretanto, é imprescindível destacar nas práticas de alfabetização e letramento a contribuição do cantinho de leitura para formação de leitores. O Cantinho da Leitura é importante desde a Educação Infantil, porque mesmo que a criança ainda não saiba ler, o aspecto visual chamará sua atenção e produzirá uma leitura óptica, ainda mais se for de um livro que o professor já tenha lido em sala.

A partir desses estímulos, o consciente do aluno trará a história à sua memória e ele poderá contá-la através das imagens. O contato com o universo dos livros estimula nas crianças a descoberta e o aprimoramento da linguagem, a imaginação, autonomia etc. As histórias estão presentes nas culturas há muito tempo e o hábito de contá-las e ouvi-las tem inúmeros significados. Está relacionado ao cuidado afetivo, à construção da identidade, ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e à de se expressar. Além disso, a leitura de histórias aproxima a criança do universo letrado e colabora para a democratização de um de nossos mais valiosos patrimônios culturais: a escrita.

Devido à necessidade de um espaço para leitura, o Cantinho da Leitura tem o intuito de proporcionar aos alunos da escola um espaço acessível à leitura. No universo da leitura tudo pode ser transformado em uma grande janela, o

conhecimento ganha grandes proporções quando se têm incentivos. Este espaço precisa ter um toque lúdico e despertar o interesse de alguma forma. As crianças gostam do colorido, do diferente, então se deve usar a criatividade.

Ao redor da estante de livros, por exemplo, cria-se formas e desenhos com tinta ou adesivo. As crianças aprendem por meio da imitação fazendo-se necessário um bom trabalho para que os educadores possam formar bons cidadãos e mais do que isso, bons cidadãos-leitores. A leitura como prática social nos anos iniciais é de suma importância para o desenvolvimento emocional, psíquico e social do sujeito.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p. 01).

Por meio do Cantinho da Leitura, propicia-se momentos para que todos os alunos da escola possam lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu belo prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entender. Essa flexibilidade garante o interesse continuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento. É necessário um ambiente bem confortável para que eles possam ler esparramados, da forma mais à vontade possível.

As crianças gostam do que é bom, almofadas e pufes coloridos, alguns bichinhos de pelúcia para brincar e deixar o espaço ainda mais macio, tapetes para que eles possam ficar descalços e muita luz natural. Luminárias fofas também enfeitam e auxiliam na iluminação, mas é necessário posicioná-las fora do alcance deles por questões de segurança. Não pode esquecer de cuidar das tomadas. É necessário também, os livros estarem acessíveis, ao alcance das mãos dos pequenos. Só assim eles vão se sentir à vontade para pegar um exemplar, folhear, ler e depois devolver no lugar. Além de estimular a leitura das crianças, vai ajudá-las a aprender a organizar e cuidar das suas próprias coisas desde cedo.

Busca-se através do Cantinho da leitura propiciar atividades mais dinâmicas, oferecendo obras e temas variados, que possam envolver aspectos do conhecimento curricular de forma lúdica e criativa favorecendo o interesse e a

formação do hábito de ler, e assim melhorar o nível de qualidade da aprendizagem dos alunos. Conhecer variadas obras deveria ser uma atividade programada para todas as escolas, conhecer e ler variedades de livros são muito mais do que um dever escolar é um grande prazer e contribuição essencial para as crianças. Porém Não ler significa abrir mão de livros que simbolizam a própria identidade do aluno. O Cantinho da Leitura é uma maneira que os educadores encontraram para apresentar aos alunos a importância do ato de ler, pois o estímulo à leitura é essencial, sendo assim a base para todas as disciplinas e áreas do conhecimento.

De acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, o Cantinho da Leitura,

[...] é um espaço, dentro da sala de aula, utilizado para, também, despertar nos alunos a prática da leitura. Nele, os alunos terão de pronto acesso às leituras diversas do conhecimento humano. Com este privilégio, além dos livros já disponíveis na Biblioteca da Escola, os alunos poderão aproveitar, a qualquer momento em que surgir a oportunidade, um bom momento de leitura. (BRASIL, 2013, p. 02).

Dessa forma, ressalta-se que, a leitura é uma atividade necessária e partindo dessa realidade sente-se a necessidade de buscar ferramentas de apoio e incentivo a ela, que promova o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. E que dessa maneira, eles vejam a leitura como uma atividade prazerosa, e não apenas como uma obrigação voltada para os bancos escolares.

Com o Cantinho da Leitura pode-se promover a integração do grupo, a socialização dos alunos e o desenvolvimento das habilidades linguísticas, melhorar o desempenho dos alunos em todas as disciplinas através da leitura, ampliar o repertório literário, despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo dos alunos, incentivar a prática da leitura extra-classe de aula, pelo uso de diferentes títulos e autores, despertar habilidades de ler, interpretar e expressar nas diferentes áreas do conhecimento, incentivar a leitura e a criatividade, visando desenvolver as potencialidades de comunicação.

2.3. DESAFIOS DOCENTES NA PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA

Um dos principais objetivos de um educador é formar cidadãos ativos e críticos na sociedade para que os alunos saibam defender suas ideias, lutar contra as desigualdades sociais em prol de melhores condições de vida e desenvolvimento

para a sociedade no qual estão inseridos. De acordo com Martins e Helena (1994, p. 23), “O equilíbrio de um programa de leitura depende muito, mas do bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea”.

Para isso, a prática da leitura deve se tornar um hábito prazeroso no cotidiano escolar e o educador deve ser o principal agente de transformação nesse processo de desenvolvimento, procurando tornar a leitura uma fonte inesgotável de conhecimento. Vale ressaltar que ensinar a ler não é uma tarefa fácil, porém é um papel de todo professor, não sendo função exclusiva do professor de língua portuguesa, que geralmente é quem leva toda a responsabilidade pelas dificuldades que o educando apresenta interpretar questões de outras disciplinas e leitura de textos simples e ou complexos.

Quando é trabalhado o conteúdo escolar de forma interdisciplinar a leitura e a escrita são consideradas as mais importantes no desenvolvimento intelectual da criança. Como afirma Cagliari (2003, p. 19), mesmo que o aluno não se saia bem em algumas atividades de sua vida escolar, mas se for um bom leitor a escola já tem contribuído para a carreira deste aluno.

Além de ensinar assuntos de conhecimentos gerais, o educador também deve trabalhar a afetividade em sala de aula, transmitir carinho e segurança, ser compreensivo paciente e buscar desenvolver o lado humanitário e emocional dos alunos. Histórias de reflexão, conversas informais ou quaisquer outros recursos que achar apropriado. Dessa forma, o professor não estará moldando um indivíduo, mas sim formando um ser humano completo dotado de inteligência e sentimentos.

O ensino da leitura deveria seguir os seguintes propostos: incentivar o indivíduo em sua leitura, de modo a leva-lo a sua auto realização; empregar a leitura como um instrumento de aprendizagem e critica, e também de diversão, ampliar constantemente os constantemente de leitura dos alunos estimular atitude que levem a um gosto pela leitura e Para outros fins (BAMBERGER, 1998, p. 24).

Outro fato imprescindível na prática da leitura é a elaboração do planejamento por parte do professor. Sabe-se que muitos professores apresentam séries dificuldades e de pôr em prática o seu plano de aula, principalmente quando este plano está relacionado a um extenso trabalho de leitura e direcionado a uma turma de alunos, cuja maioria não tem contato íntimo com livros. É nesse momento que o

educador inicia um trabalho de reconhecimento da turma, e instigar dos alunos que tipo de leitura mais os atraem e quais fazem parte do cotidiano de cada um.

O plano de aula é a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. É a sistematização de todas as atitudes que se desenvolvem no período de tempo que o professor e o aluno integram, numa dinâmica de ensino- aprendizagem (PILETTI, 2001, p. 13) .

Após essa familiaridade com o aluno, o docente deve traçar o seu plano de aula de acordo com as necessidades de cada um, deve levar novidades e proporcionar momentos de distração, prazer e curiosidade, pois se aprende a ler por meio da leitura livre ou sugerida, de diversos autores. Para produzir esse processo, o educador precisa estar qualificado em sua prática, haja vista que é fundamental ao educador, saber planejar e avaliar as metas e os desafios propostos aos alunos sem se desviar do foco do problema. Desse modo, a metodologia e as estratégias de leitura diferenciadas, o professor obterá sucesso mais facilmente em seus objetivos transmitindo as crianças o compromisso pelo hábito da leitura dentro e fora da sala de aula.

Os professores que realmente são compromissados com a educação também enfrentarão muitos desafios em sua prática docente para tentar resgatar o contato do educando com os livros, expondo a eles os mais variados tipos de leituras como: história da literatura infantil, quadrinhos, contos, poesias, musicas, notícias de jornal, literatura de cordel e outros, de forma espontânea.

Diante do exposto, ler deve ser um hábito prazeroso e a leitura deve começar com a escolha espontânea de livros infantis, pois a criança aprende a ler, começando por livros e textos convidativos, ilustrados e variados que desperte interesse e curiosidades em lê-los, levando o aluno a viajar pela leitura, imaginar e fazer descobertas através da leitura, tornando-se um agente transformador, dotado de escolhas e opiniões próprias.

Vale ressaltar que, o educador é um agente fundamental no processo de transformação educacional e social. E um dos caminhos é estímulo à leitura, despertando no aluno interesse, curiosidade e prazer de ler variado tipo de textos. Vale lembrar que o verdadeiro educador é aquele que propõe desafios, estimula, incentiva, valoriza, respeita e reconhece o potencial de cada aluno.

Criar uma atitude de expectativa previa com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quando mais ele prever o conteúdo, maioria será sua compreensão, é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento- linguística, discursivas enciclopédicas, é ensinar antes de tudo, que texto é significativo, criar uma atitude que faz da leitura a procura pela coerência (KLEIMAN, 2004, p.151).

No entanto, na tarefa de ensinar, é comum encontrar educadores inseguros e aflitos se saber o que fazer diante de alunos que não conseguem ler, escrever e participar da aula. Diante desta situação, a leitura muitas vezes passa a ser exercitada de forma aleatória por muitos docentes ou seja, passa a ocupar um segundo lugar nas atividades propostas em sala de aula de forma que não chega a suprir as necessidades básicas dos educandos que acabam levando um tempo muito maior para aprender a ler e a escrever.

Ao adotar metodologias e estratégias de leitura diferenciadas, somadas à escolha de materiais didáticos adequados, o professor obterá sucesso mais facilmente em seus objetivos, transmitindo para as crianças sentimentos de tranquilidade, carinho e principalmente, de confiança.

Para o sucesso do aprendizado da criança, é necessário que o professor saiba respeitar as fases de desenvolvimento da criança, pois cada um aprende de um jeito próprio. Segundo Ferreiro (2001, p. 23) “por trás da mão que pega lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam há uma criança que pensa”. Cada criança aprende de um jeito particular. Desse modo, o trabalho com a leitura nos anos iniciais tem por objetivo formar cidadãos leitores e escritores, capazes de se comunicar com expressividade, fazendo uso de todos os recursos que a língua dispõem, que sejam participativos e críticos no meio em que vivem.

Essa formação só será possível de houver professores capacitados, decididos e compromissados em desenvolver um ensino com eficiência, que levam os alunos a romper as barreiras da simples decodificação da leitura, pois ler implica também, ultrapassar a vencer etapas na aprendizagem, para finalmente, tornar-se leitor.

De acordo com as afirmações de Rezende (2000, p. 21), “o professor deve-se o impulsionador da leitura, criando em sala de aula condições para os alunos lerem e serem valorizados pelo que leem”. Dessa forma, percebe-se que o incentivo do professor dos anos iniciais do ensino fundamental é primordial para o aluno, pois facilita o envolvimento desses alunos desejarem se envolver em outros mundos que

a literatura oferece. Por isso, a necessidade de mudança nos trabalhos pedagógicos e metodologias desenvolvidas em sala de aula.

Para Freire (2003, p. 13), antes de sermos leitores da palavra, somos leitores do mundo. Sabe-se que ambas as leituras são de fundamental importância para o crescimento do indivíduo, porém o ato de ler vai além da simples memorização de códigos e palavras. A leitura para o aluno deve lhe proporcionar prazer e ter sentido, porém, o processo de alfabetização deve levar em conta a realidade na qual o indivíduo está inserido para que se desenvolva uma aprendizagem significativa.

Como se percebe, a aprendizagem é um processo contínuo de desenvolvimento, em que os estágios de conhecimento através da leitura vão se aprofundando cada vez mais, cabendo ao professor, fazer com que o educando supere expectativas e dificuldades ao longo do ensino, adquira hábitos de leitura e torne-se um leitor. Portanto, não é simplesmente saber identificar código linguísticos, pois a aprendizagem da leitura constitui-se uma tarefa permanente que se enriquece com a aquisição de novas leituras à medida que se pratica textos cada vez mais complexos.

Em vista da grande importância de se trabalhar a leitura e a escrita para atingir o crescimento intelectual do indivíduo, o educador deve utilizar recursos e metodologias diversificados, com o intuito de proporcionar ao aluno, não só um Ambiente favorável a essas práticas, mas também, condições para que esse aluno gradativamente se sinta envolvido o prazer de ler e de escrever, fazendo com que a leitura aos poucos vá ganhando espaço na vida dele e por fim se torne um hábito.

A leitura não pode se instruída, porém cabe aos professores instigar através de metodologias diferenciadas, proporcionando momentos de prazer que despertem nos alunos o gosto pela leitura por meio de ações que façam a diferença.

Vários estudos apontam que o gosto pela leitura desenvolve-se a partir de uma aproximação significativa em relação aos livros. Segundo Kriegl (2002, p.10), “ninguém se torna leitor pelo um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura, a influência dos adultos como referência é importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo”. Dessa forma é fundamental que os professores construam espaços, no contexto escolar, que possam viabilizar o desenvolvimento do hábito de leitura.

Neste sentido entende-se que para se formar alunos leitores é indispensável que o professor-mediador, seja também um leitor para que compreenda como as

crianças aprendem a ler, podendo assim construir um acervo apropriado para trabalhar com elas. O professor, então tem um papel fundamental na aquisição da leitura pela criança. O aluno deve ter a oportunidade de encarar o livro como um desafio interessante e cheio de descobertas.

Obviamente, são inúmeras as dificuldades que o educador enfrenta para desenvolver o hábito da leitura na sala de aula, pois o ato de ler como qualquer outra atividade com os alunos deve receber atenção, entusiasmo, incentivo e muito exercício. Perante a problemática, o educador deve tentar suprir as necessidades diárias dos alunos da forma que puder, aproveitando o estágio de aprendizagem da criança e traçando alternativas que desenvolvam suas habilidades e principalmente o gosto pela leitura, caso contrário, o ensino ficara ainda mais eficiente.

Diante dessas considerações, ensinar a ler é tarefa de todo professor, independentemente de ser professor de língua portuguesa, que quase sempre é responsabilizado pelas dificuldades que o educando apresenta em interpretar textos ou situações do cotidiano. Isso leva as pessoas a construir um conceito limitado sobre o real significado da leitura e do processo que esta ação envolve na linguagem. O professor tem um grande papel na formação de leitores, a importância do hábito de leitura precisa a todo tempo ser evidenciada pelo educador em sala de aula, fazendo assim, com que seu aluno desperte para o quão necessário se torna a leitura em seu dia a dia.

O interesse em ler e o consequente envolvimento em leituras, além do exigido pelo professor, são muitas vezes considerados como algo intrínseco ao aluno, dependendo exclusivamente de suas motivações internas e de sua boa vontade. É preciso uma maior conscientização por parte dos educadores. Alguns tentam e conseguem encontrar o caminho certo, já outros cruzam os braços por acharem sua prática correta, sem se preocupar em buscar formas alternativas de trabalho. Portanto, um ensino mais produtivo deve ser a finalidade primordial do professor na sala de aula, propondo soluções adequadas para cada situação que afligem seus alunos e lhes dificultam o processo de aprendizagem.

3 PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL, AVEIRO-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi fundamentado nas referências bibliográficas que investigaram a prática da leitura e escrita no ensino fundamental, com ênfase na análise de obras de diversos autores que tratam do tema, como: Soares (1999, 2001, 2004, 2006, 2012), Carvalho e Mendonça (2006), Cagliari (2003), Ferreiro (2001) e Frade (2007), dentre outros.

A pesquisa é de ordem qualitativa, pois, segundo Rodrigues (2007, p. 05), “Os dados obtidos são analisados indutivamente e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”. Dessa forma, foi utilizada uma pesquisa de campo por meio da coleta de dados com utilização de questionários na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Silva Nunes, vila de Brasília Legal, município de Aveiro-PA realizada no período de outubro e novembro de 2017, com quatro professores de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, com objetivo de compreender seus desafios e conhecer suas estratégias pedagógicas na prática da leitura e escrita com os alunos de forma a garantir o domínio da leitura e escrita.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Para objetivar o processo da leitura e escrita, foi realizada uma pesquisa na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria da Silva Nunes da rede pública de ensino por meio de um questionário para quatro professores das séries iniciais, contendo sete questões abertas para que os educadores pudessem expressar os seus reais pontos de vista em relação ao tema exposto, com intuito de analisar a importância da prática da leitura e escrita no desenvolvimento do educando.

Quanto à formação dos professores entrevistados, temos dois com formação em Pedagogia, um em Filosofia e outro em História. Os professores apresentam,

uma média de tempo de serviço na educação de 16 a 25 anos, ou seja, possuem uma vasta experiência com a docência.

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Professora Maria da Silva Nunes, está localizada na AV: Presidente Vargas na Vila de Brasília Legal, no município de Aveiro Estado do Pará, à margem esquerda do Rio Tapajós. A mesma foi fundada em 12 de novembro de 1990, na gestão do Prefeito Municipal, Altamiro Raimundo da Silva. Foi municipalizada em 2003, na gestão do prefeito municipal de Aveiro Adalberto Viana Silva. A escola Estadual de 1º Grau Professora Maria da Silva Nunes, recebeu denominação em homenagem a mãe do interventor Federal Coronel Alcides Nunes. No ano de 2005, a mesma passou a se chamar Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professora Maria da Silva Nunes.

A referida escola situa-se num espaço de 300m, em estrutura de alvenaria, construída em três pavilhões, murada na frente e nas laterais e fundos e cercado com ripas. Há também na escola dois banheiros um feminino e outro masculino, uma sala da diretoria, uma cozinha, e um pátio. Em relação aos funcionários a escola, conta hoje com dezesseis, sendo: nove professores, quatro serventes, uma diretora, e uma secretária. As aulas funcionam em dois turnos um no período da manhã e outro no período da tarde. A mesma conta no momento com duzentos e setenta alunos, sendo que, nos anos iniciais são setenta e três. É uma escola polo responsável por sete escolas anexas da região de Aveiro.

Existe na Vila apenas uma escola que atende alunos da educação infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, educação de jovens e adultos e ensino médio. A escola atende alunos oriundos de outras comunidades, como nova Brasília, bom Jesus IV, Da Paz, Cury, Santa Tereza, dentre outras comunidades. A escola não desenvolveu nenhum projeto dentro da temática do letramento.

3.4 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

As informações coletadas referentes à prática dos professores que atuam em turmas do ensino fundamental menor nas escolas públicas de Aveiro/PA permitiram uma significativa contribuição para compreender os desafios que se apresentam no

trabalho realizado por esses profissionais. Desse modo, iniciando a conversa com os professores foi perguntado na questão 1: **A escola realiza projetos voltados para o incentivo da leitura e escrita?** Observou-se que todos os professores informaram que raramente há projetos nessa temática, e que isso é lamentável, mas que entendem a necessidade de efetuarem esse tipo de trabalho para desenvolver a leitura e a escrita dos anos. Afinal, os pais esperam para as crianças tenham uma formação de leitura e escrita, e ao mesmo tempo humanista e eficaz, isto é uma forma favorável ao desenvolvimento de personalidades fortes, harmoniosas e diversificadas, que tenham senso de responsabilidade iniciativa, capaz de enfrentar as lutas da vida, sendo tolerantes e solidários.

A pedagogia por projetos não é um simples modismo pedagógico. Ela corresponde, historicamente, a uma verdadeira mutação da representação das crianças e de suas potencialidades que se produziu no campo das ciências humanas no decorrer das últimas décadas. É igualmente uma atualização da visão otimista e generosa dos grandes educadores dos séculos procedentes. (MICOTTI, 2009, p. 18).

Assim a pedagogia por projetos preenche as condições imprescindíveis e favoráveis a toda aprendizagem, mas condiz particularmente, com a aprendizagem da leitura e da produção de escritos, porque cria situações autênticas de comunicação com interlocutores verdadeiros. Nesse contexto, seguiu-se a questão 2: **Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?** A seguir as respostas dos professores.

“Promovo sempre a hora da novidade, para leitura de vários gêneros textuais” (Professora 1).

Nesse sentido da leitura, eu costumo primeiro ler textos interessantes, interpretar oralmente e também trazer textos escritos de casa para a leitura do dia-a-dia. A escolha dos alunos quanto os textos é interessante também. (Professora 2).

Na sala de aula, todos os dias as crianças leem nas cartilhas ou livros de leitura infantil. (Professora 3).

Faço sempre leituras livres, leio histórias para eles, peço que cada aluno leia livros de poesia, revistas. (Professora 4).

Percebe-se que na fala dos entrevistados que, a leitura e escrita é trabalhada de forma diferenciada com intuito de estimular novas leituras. É interessante, que todos parecem estar cientes disso, porém, muitos acabam caindo na mesmice, ou

seja, sua prática docente deixa a desejar em muitos aspectos, e a leitura como se percebe é um deles, embora tente camuflar.

Além disso, através das respostas obtidas pode-se, também confirmar, que as estratégias de leitura, adotadas pelos professores despertam o interesse dos alunos para a leitura, tornando a aula mais dinâmica. Por isso, a necessidade de metodologias incentivadoras voltadas para o desenvolvimento da leitura, pois a aquisição do conhecimento com entusiasmo por parte do aluno resultará numa melhor compreensão do texto, favorecendo, assim a aprendizagem. É na escola que há um aprimoramento do processo de leitura, pois é no ambiente escolar que a maioria das atividades desenvolvidas envolve a leitura. Pois, Cagliari (2003, p. 148), diz que, “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

É importante que o professor esteja preparado e atento para transformar a leitura em uma atividade prazerosa. O professor deve despertar nos alunos o gosto de ler, sendo exemplo para eles, quando isso ocorre, os mesmos passam a adquirir esse hábito. Continuando a entrevista foi perguntado na questão 3: **No processo de leitura e escrita na turma dos anos iniciais, quais os desafios que mais se apresentam?** Conforme os professores destacaram há insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepara-los. Destacaram ainda, a falta de apoio das famílias, que é fundamental para a educação da criança. Ainda informaram que necessitam de mais tempo para alfabetizar as crianças e que a formação continuada é necessária para melhorar constantemente a prática do professor.

Sobre essa situação tornou se relevante a questão 4: **No processo de letramento, quais os recursos pedagógicos/estratégias/metodologias/que mais utiliza em sala de aula?** A seguir o relato dos professores dos anos iniciais.

“Roda de leitura, livros de literatura infantil, banco de palavras, caixa de surpresa”. (Professor 1).

“Uso vários tipos de livros, historias em quadrinhos, e amo ler textos bíblicos e fazer interpretações na oralidade com a classe e na escrita é claro. Os recursos são os livros, cartazes, figuras, lápis de cor, caderno”, etc. (professor 2).

“Roda de leitura, livros de leitura infantil”. (Professor 3).

“Ajudo o aluno descobrir quais obras literárias ele mais gostam, permitindo suas escolhas, proponho sempre releituras, musicalização do texto. Utilizo

fábulas para que eles interpretem, peço pra contar histórias, piadas. Divido o tempo para trabalhar a leitura com meus alunos. Trabalho com ditados, cópias de textos e leitura". (Professor 4).

Conforme o relato dos entrevistados verifica-se que os professores se valem de estratégias e metodologias diferenciadas para motivar os alunos no processo de letramento. Percebe-se que com diferentes estratégias e textos atrativos, produção textual, roda de leitura, histórias em quadrinhos, desenvolvem-se a leitura e a prática da escrita nas crianças e o aprendizado é satisfatório, despertando o interesse do aluno para outro tipo de leitura. Silva (2000, p. 23) fala da busca incessante do ser humano pela verdade e alerta,

E nós, professores, sabemos que essa afirmação é irrefutável, pois vivemos diariamente com a curiosidade e a atividade das crianças. Diante de um texto instigante, que fale às suas experiências e seus problemas reais, a criança se embala e se embola de maneira natural, sem a necessidade de tecnicismos pretensamente motivadores.

Então, percebe-se que o professor é uma das peças principais para o incentivo à leitura, é ele que servirá de espelho para seus alunos. O professor deve desenvolver o hábito pela leitura para estimular seus alunos. Dessa forma ocorreu a questão **5: Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentada pelos alunos?** Observar-se abaixo a fala dos entrevistados.

"É bem difícil acertar estratégia possível para melhoria desse problema, mas sempre busco inovar metodologia que facilite". (Professor 1).

"Costumo fazer textos diariamente no quadro que serve cópia, textos ditados, produção de texto, e leitura coletiva e individual, inclusive trabalho em geral com 4º e 8º ano". (Professor 2).

"Procuró sempre renovar a metodologia. Uma forma diferente de se trabalhar, que chame atenção das crianças, incentivando-as". (Professor 3).

"Procuró transmitir ao meu aluno confiança e segurança, para que ele supere a dificuldade o atormenta no momento. Busco caminho para que o aluno se desenvolva tanto na leitura como na escrita". (Professor 4).

De acordo com as respostas obtidas, os professores agem de forma dinâmica diante das dificuldades em leitura e escrita apresentada pelos alunos, costumam trabalhar produção textual, leitura coletiva, procuram renovar metodologias, proporcionam no aluno confiança e segurança para que o mesmo supere as

dificuldades. Então observou-se que as dificuldades em leitura e escrita é trabalhada de forma diferenciada com intuito de estimular a novas leituras.

Seguindo essa ótica de pensamento, tornou se indispensável perguntar na questão **6: Qual o livro adotado para o ensino da leitura e a escrita na sua turma? Como você avalia esse livro?**

"A Conquista. Os textos desse livro são muito grandes e como a maioria tem dificuldade de ler tem se tornado bem difícil acompanhar". (Professor 1).

"Livros de didáticos, porém não superem as necessidades por motivo dos textos serem muito grandes e dificultarem a perspectiva de certos alunos que são lentos na leitura e escrita". (professor 2).

"Os livros didáticos, as leituras são imensas. Procuro pequenos textos como: par lenda, fábulas, trava língua para ser trabalhados em cartaz para facilitar". (Professor 3).

"Uso a cartilha, livros literários, leitura do livro didático utilizado frequentemente". (Professor 4).

Ao analisar as respostas dos profissionais, percebe-se que os mesmos se valem dos livros didáticos para o ensino da leitura e escrita em sala de aula. Porém observou-se que a maioria desses livros não condiz com a realidade dos alunos, pois, segundo os professores esses livros apresentam texto muito grande e como a maioria dos alunos tem dificuldade em leitura, tem se tornado bem difícil acompanhar. Diante dessa dificuldade os professores procuram trabalhar com outros tipos de textos como, parlendas, fábulas, trava língua e outros para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Então, para um bom desempenho da leitura na sala de aula precisa-se de muito mais apoio dos gestores da educação, assim como atitude por parte do professor. Não basta apenas esperar que as Secretarias de Educação enviem materiais necessários e adequados, é preciso de força de vontade e determinação para desenvolver o ensino da leitura e escrita no ambiente escolar. Portanto cabe aos professores utilizarem de outros recursos como cartazes, quadro negro, entre outros para suprir essa necessidade.

Finalizando a entrevista com os professores, necessário perguntar na questão **7: Do que tem necessidade para melhorar a sua prática docente no processo do letramento dos alunos?** A seguir as respostas dos entrevistados.

“Cursos pedagógicos, materiais, espaço adequado e outros”. (Professor 1).

“Gostaria muito de sempre poder fazer cursos, que envolvem essa parte de leitura e letramento onde percebo a grande dificuldade com esse público”. (Professor 2).

“Mais oficinas, encontro pedagógicos, encontro para troca de experiências com outros profissionais”. (Professor 3).

“Acredito que falta mais encontros com professores das series iniciais – PNAIC, para que nos possamos trocar experiências. Uma vez que esse ensino teve curso para professores muito antes de ensinar. E que há uns dois anos que não foi mais realizado”. (Professor 4).

De acordo com as respostas obtidas, e seguindo a análise do estudo de forma completa, entende-se a necessidade e fica como proposta, a aquisição de livros e materiais pedagógicos compatíveis com a realidade dos alunos; assim como a realização de cursos voltados para estratégias de leitura e escrita, uma vez que os profissionais sentem-se, muitas das vezes, impossibilitados de promover a alfabetização na perspectiva do letramento com os alunos dos anos iniciais.

A implementação do Cantinho da Leitura ou Biblioteca Escolar, ou de um espaço adequado para que os alunos possam fazer leituras variadas e de escolha própria também é uma oportunidade de promover o hábito da leitura e consequentemente, da melhoria da leitura e da escrita.

Portanto, para além dessas propostas e necessidades que a escola apresenta, cabe ao professor se impor e vencer os desafios que se apresentam com propostas inovadoras e criativas que é peculiar aos que exercem a docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou contribuir para a prática docente na leitura e escrita dos anos iniciais, através de reflexão sobre as práticas pedagógicas, podendo assim, reconstruí-la. Para tal, partiu-se de pesquisa teórica que serviu como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvem o ler e o escrever.

No entanto sabe-se que enquanto não houver uma ação significativa um investimento na formação do professor alfabetizador, as estatísticas continuarão gritando e retratando o que se tem encontrado nas escolas públicas: alunos que chegam ao 5º ano sem exercer o hábito da leitura e a prática da escrita e professores descomprometidos por falta de formação, de conhecimento e de valorização.

Portanto, a escola deve ter como objetivo maior, permitir que o aluno leia, escreva, fale e compreenda os mais variados tipos de textos escritos. Para alcançar esse objetivo, o professor, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental, deve criar situações reais de comunicação em que o aluno possa fazer o uso do que aprende ao contactar com livros diversos, revistas, gibis, músicas, poesias, jornais, filmes, trocar correspondências, dramatização entre outros meios.

Enfim, é necessário garantir o máximo de interação com as mais variadas formas de expressões orais e escritas, pois o desenvolvimento do gosto pela leitura depende da maior ou menor presença no cotidiano de práticas de leitura e escrita. Diferentes modos de participação nas práticas discursivas orais em família permitem a criança construir uma relação com a linguagem enquanto prática discursiva e enquanto objeto de conhecimento.

A escola tem avaliado o observável do indivíduo, com isso às vezes, o professor para tentar ajudar aos seus alunos, propõe-lhes tarefas fáceis menos desafiantes, usando textos simplificados absolutamente artificiais e pouco significativos, por serem descontextualizados. São vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante o processo de leitura e escrita. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar os vocábulos, pelo conhecimento do vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. Metodologias que superam as suas expectativas.

Na escola pesquisada, pode-se observar que as estratégias utilizadas na prática docente da leitura e escrita dos alunos dos anos iniciais do ensino

fundamental são diversas, como: textos atrativos, produção textual, roda de leitura, histórias em quadrinhos, desenvolvendo assim a leitura e a prática da escrita com as crianças e o aprendizado é satisfatório, despertando o interesse do aluno, mesmo em meio aos desafios que se apresentam aos professores no processo do letramento, que são: insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los, a falta de apoio das famílias, que é fundamental para a educação da criança e ainda há necessidade de mais tempo para alfabetizar as crianças e que a formação continuada é necessária para melhorar constantemente a prática do professor

Nesse estudo pode-se conhecer a prática docente diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos, pois, os entrevistados deixaram claro que costumam trabalhar produção textual, leitura coletiva, procuram renovar metodologias, proporcionam no aluno confiança e segurança para que o mesmo supere as dificuldades.

Diante de tudo o que já foi citado, a escola tem um papel fundamental na sociedade e deve juntamente com o corpo docente proporcionar aos alunos, condições para que os alunos desenvolvam suas habilidades através da leitura de diversos tipos de livros e de diversas produções de textos. Dessa forma, o professor necessita ultrapassar as dificuldades para o sucesso do aprendizado, principalmente demonstrando que gosta de ler e de escrever, pois o educador se torna referência para o aluno quando possui o hábito da leitura e a prática da escrita.

BIBLIOGRAFIA

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRASIL. **PNLD/2008**. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Ed. Scipione, 2003.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letra: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010. FDE, 1994.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexão sobre a alfabetização**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação. Santa Maria**, v. 32, n. 01, p. 21-40, 2007. pp. 21-40. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em 20 de junho de 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre. Artmed, 1998.
- JOBIM, José Lus. **A produção o textual e a leitura: entre o livro e o computador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes. 2007.
- KLEIMAN, Angela. **Conhecimentos prévios na leitura**. São Paulo: Pontes, 2004.
- KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. **Revista PEC**, Curitiba. 2002.
- MARTINS, Maria Elena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disp. em < <http://pt.scribd.com/doc/39256026/ALFABETIZACAO-apropriacao-do-sistema-de-escrita-alfabetica> > 15 de Nov. 2017.
- NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada das intenções à ação**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST. Paracambi, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 32º ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: Pesquisas e Propostas. 2ªed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. et al(org). **A escolarização da literatura: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. ed. 6. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

SOARES. Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M.(Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2001.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. 2011. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em 20 de junho de 2017.

TFOUNI, Leda Verdian. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica F. de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA

TEMA DA MONOGRAFIA: PRÁTICA DOCENTE NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS.

ACADÊMICA: VALDELICIA MARIA DE OLIVEIRA ROCHA

*Prezado (a) professor (a), sou concluinte do Curso de Pedagogia e estou realizando uma pesquisa sobre **as práticas docentes na leitura e escrita dos anos iniciais** para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Conto com sua colaboração.*

IDENTIFICAÇÃO:

Formação: _____

Tempo de regência de classe: _____ anos.

Prática docente:

1. A escola realiza projetos voltados para o incentivo da leitura e escrita?

2. Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?

3. No processo de leitura e escrita na turma dos anos iniciais, quais os desafios que mais se apresentam? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

- () Pouco tempo disponível.
- () Falta de cursos de capacitação.
- () Turma com muitos alunos.
- () Falta de apoio das famílias.
- () Ausência de livros didáticos ou insuficientes.
- () Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.
- () Outras:

4. No processo de letramento, quais os recursos pedagógicos/estratégias/metodologias que mais utiliza em sala de aula?

5. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

6. Qual o livro adotado para o ensino da leitura e escrita na sua turma? Como você avalia esse livro?

7. Do que tem necessidade para melhorar sua prática docente no processo de letramento dos alunos?

Agradecemos a participação!